

Expansão do crédito pode puxar a economia

Dados do Governo apontam que aumento dos financiamentos e da venda de duráveis vai trazer crescimento

Maria Luiza Abbott

• BRASÍLIA. A recuperação da economia vai ser puxada pelo aumento do crédito e pelo crescimento das compras dos bens de consumo duráveis, segundo já apontam os últimos dados de que o Governo dispõe. O secretário de Política Econômica, Edward Amadeo, previu que pode se repetir o momento que o país viveu entre meados de 1996 e o fim de 1997. Naquele período, o volume global de crédito, que estava parado em torno de R\$ 15 bilhões, subiu para mais de R\$ 30 bilhões.

— Torço para que não seja tão forte, para que não se repitam os problemas que tivemos. Mas a recuperação já está acontecendo e será visível dentro de pouco tempo — disse ele, sem fixar prazos.

Desemprego pode seguir aumento do consumo

Amadeo reconhece que um dos fatores que podem fazer com que essa recuperação do consumo seja mais lenta é o desemprego. A taxa de desocupação é quase o dobro do que era em 1996. Mas, na sua avaliação, os índices de confiança do consumidor devem começar a subir, pois as expectativas estão melhorando. Além disso, lembra, a taxa real de juros projetada para os próximos 12 meses é a mais baixa em cinco anos, o que estimula os investimentos.

— Um quadro de economia

estável, redução de juros, situação fiscal ajustada e compulsórios menores favorece o consumo. Qualquer teoria confirma isso — explicou.

O secretário informou ainda que todas as projeções para as contas públicas foram refeitas e confirmam que será possível cumprir a meta de superávit primário (que exclui despesas com juros) este ano, apesar da queda na arrecadação em agosto. Ele reafirmou que essa frustração de receita decorreu das ações judiciais contra a CPMF, mas a redução de despesas imposta pelo Governo não é pequena.

Amadeo admitiu que existem pressões de outros ministérios por aumento de gastos,

mas observou que o presidente Fernando Henrique Cardoso já deixou claro que a estratégia econômica passa pelo cumprimento da meta fiscal.

— Estamos sempre em estado de alerta em relação às contas públicas. Sabemos que não se trata de superar a meta, mas de cumpri-la mês a mês.

Amadeo disse ainda que a missão do Fundo Monetário Internacional (FMI) em visita ao Brasil está coletando dados, mas a revisão do acordo só deverá ser fechada dentro de três ou quatro semanas. Segundo ele, em outubro, a equipe econômica já começará a trabalhar nas metas de superávit primário para os dois primeiros trimestres de 2000. ■

► TRADUZINDO O ECONOMÉS

Recessão começou no ano passado

• A recessão na economia brasileira começou no segundo semestre do ano passado, quando a crise da Rússia provocou a fuga de capitais estrangeiros do país e o Banco Central foi obrigado a elevar as taxas de juros para 49,5% ao ano. Isso levou à desaceleração da economia. Para recuperar a credibilidade do Brasil no exterior, o Governo assinou um acordo com o FMI, apostando que, com isso, os recursos voltariam.

Por causa dessa previsão, iniciou uma trajetória de redução dos juros, mas o dinheiro externo não veio e o Governo desvalorizou o real, em janeiro. Com receio da volta da inflação, o BC subiu os juros novamente, agravando a recessão. Aos poucos, o capital externo começou a retornar e as taxas foram caindo. Com a queda dos juros, as empresas voltaram a investir. E o Governo avalia que o país retomará o crescimento. ■